

falatu!

ISSN 3086-111X

Vol 1, N. 2, 2026

Crônicas para abrir *janelas!*



Organizadoras do volume

Patrícia Silva Rosas de Araújo DME/CE/UEPB

Fabrini Katrine da Silva Bilro DME/CE/UEPB



fala tu!

ISSN 3086-111X



É permitido compartilhar este material — copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato — desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC BY-NC-ND. Os conceitos, hipóteses, opiniões, conclusões e recomendações apresentadas são de inteira responsabilidade dos autores, assim como a indicação e utilização de fontes bibliográficas, iconográficas, tabelas e/ou gráficos. As ideias aqui expressas não refletem, necessariamente, a visão da Fala Tu!



Universidade Federal da Paraíba
Portal de Periódicos
EDITORA UFPB



EXPEDIENTE

Editora-chefe

PatríciaSilvaRosas de Araújo DME/CE/UFPB

Editoras adjuntas

Fabrini Katrine daSilva Bilro DME/CE/UFPB

Gilvete de Lima Gabriel DME/CE/UFPB/UFRR

Comissão Editorial

Adlene SilvaArantes | UPE

Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel | UPE

Dieison Prestes da Silveira | UFPB

Josué Carlos S. Santos | USP

Manassés Morais Xavier | UFCG

Maria Graciele de Lima | UFPB

Maria Margareth de Lima | UFPB

Maricélia Ribeiro Jorge | PMCG

Monique Alves Vitorino | UPE

Colaboração Editorial dos Estudantes| UFPB

Adryel Veloso de Jesus Hugo Darlyson de Araujo

Andrade Luciana Trajano da Silva

José Marcos Ramos Vital

Polyanna Santos de Moura Lima

Designer da capa

HugoDarlysondeAraujo Andrade |UFPB

ESPECIAL

Brinquedoteca CE/UFPB

Os desenhos que compõem este volume fazem parte de um trabalho desenvolvido com as crianças da Brinquedoteca CE/UFPB, intitulado “Sonhos de uma Noite no Asteroide B-612”, sob a responsabilidade das estudantes/estagiárias Maria Gabriela do Amor Divino Simplicio, Hellen Beatriz Bizerra Dantas Campina e Hany Beatriz Conceição Martins da Silva.

Conselho Editorial

Amasile Coelho L. C. Sousa | UEPB

Ana Cláudia de França | UFPE

Cícero Pedroza Silva | UFPB

Haila Ivanilda da Silva | UFPE

Isabelle de Araújo Pires | PMCG

Jéfferson Luiz B. L. Silva | UFPB

João Gilberto Farias Silva | UFPE

Josias Ferreira da Silva | UERR

Luciano Nascimento | UEPB

Maria Leogete Joca da Costa | UFRR

Maria Lúcia. F. de Figueiredo Barbosa | UFPE

Rejane Dias da Silva | UFPE

Roziane Marinho Ribeiro | UFCG

Sebastião Monteiro Oliveira | UFRR

Tânia Guedes Magalhães | UFJF

Thayana Priscila Domingos da Silva |UFPB

Vera Lúcia Chalegre de Farias |UPE

Responsável Técnico/Suporte

AldenoraGiovana da Silva | UFPB

Maria Dayane Lira Dantas | UFPB

Endereço Editorial

Fala Tu! Contato:

contatorevistafalatu@gmail.com

Centro de Educação – Universidade

Federal da Paraíba - Cidade Universitária

– Campus I CEP 58059-970

João Pessoa, PB – Brasil

Editorial

Abrir a janela nem sempre é um gesto simples. Às vezes, ela emperra. Outras vezes, somos nós que hesitamos. Há dias em que preferimos o abrigo das paredes; em outros, sentimos que é preciso deixar o mundo entrar, mesmo com todo o barulho que ele carrega.

Esta coletânea de crônicas nos convida justamente a esse movimento: olhar para fora sem abandonar o que nos constitui por dentro. Se, na edição anterior, a casa apareceu como abrigo e memória, agora ela se transforma em ponto de abertura. É da casa que observamos o mundo e é por meio dela que o mundo nos atravessa.

As crônicas reunidas neste volume nascem desse encontro entre interior e exterior. São textos que partem de experiências íntimas — a infância, a família, os afetos, os medos, os pequenos acontecimentos do cotidiano —, mas que, ao serem narrados, se abrem para o outro. Em cada história, há uma janela: ora voltada para o passado, ora para o presente, ora para aquilo que ainda está por vir.

Ao acompanhar essas narrativas, percebemos que a casa continua sendo um espaço central, mas já não é apenas refúgio. Ela é também ponto de escuta, de observação e de deslocamento. Pela fresta da memória, entram risos, perdas, reencontros e descobertas. Pela porta que não protege, pela sala onde o tempo parecia parar, pela luminária que guarda um pedaço do céu, pela televisão que reconecta histórias, pelas marmitas que revelam rotinas e pela cadeira que desafia até as leis da física, vemos como o cotidiano se transforma em linguagem.

E é justamente aí que o tema se concretiza: linguagem é interação. Cada crônica não apenas conta uma história, mas responde a outras vozes, dialoga com experiências compartilhadas e constrói sentidos que ultrapassam o individual. Escrever, aqui, é abrir uma janela. Ler também.

Vivemos em um tempo em que o mundo chega até nós por múltiplas janelas: as telas, as notícias, as redes, os encontros inesperados. Mas este volume nos lembra que há outras formas de abertura, mais silenciosas e profundas. Abrir a janela pode ser lembrar. Pode ser rir de si mesmo. Pode ser reconhecer o outro nas pequenas coisas. Pode ser, simplesmente, continuar.

As crônicas foram produzidas por estudantes do curso de Pedagogia, do Centro de Educação da UFPB, Campus I, na disciplina de Linguagem e Interação (noturno), no semestre 2025.2. São textos que carregam marcas de quem escreve aprendendo: há tentativas, escolhas, riscos e descobertas. E é justamente isso que lhes dá vida.

Se, ao longo da leitura, você encontrar imperfeições, pausas inesperadas ou caminhos ainda em construção, não estranhe. São frestas. E é por elas que a escrita respira e as histórias acontecem.

Equipe Editorial

SUMÁRIO

- 08** **Meu amigo sempre tira a minha roupa**
Adriano da Silva Oliveira
- 09** **Eu sou mais que a foto do perfil**
Alex Alves Viana
- 10** **Pop era nosso... Pop era do bairro...Pop era de todos!**
Alex Junior Batista da Silva
- 11** **Acabou o xampu?**
Andressa Miranda Rodrigues Cavalcante
- 13** **Entre o arroz e o feijão, Mainha**
Ariel Katellin Bezerra de Farias
- 13** **As marcas de uma chegada**
Cleimira Emanuely Lopes de Oliveira
- 16** **Era tudo mentira, até o cabelo!**
Emilly Santos Xavier
- 17** **A estranha segurança de se esconder debaixo do cobertor**
Fernanda de Andrade Costa Pereira
- 18** **Sem sela e sem freio**
Flavia Karoline Silva de Pontes
- 20** **Rajadas no muro**
Gleudson Ferreira da Costa
- 21** **Entre as linhas da vida, mainha e seu crochê**
Ingyd Nayara Monteiro da Silva

SUMÁRIO

22

A casa sem CEP

Jennifer Borba de Andrade Silvestre

24

E se eu abrisse o portão?

Julia Dias Alves

25

Nó de liga, nó de afeto

Kamila Maria Araújo de Paiva

26

A descida

Kaylany Dantas de Andrade Santos

28

Entre a mesa do quarto e a sala de aula

Kleberson Santos de Pontes

29

Entre o chão e o teto, nós!

Laysa Vitória Pereira Ferreira

30

Todo domingo é sagrado!

Leticia Alves dos Santos

32

A “máfia” da minha família

Leticia Kelly Feitosa

33

Duelo no quintal

Luana Andrade dos Santos

34

Dois banquinhos e o céu

Luana da Silva Lins

36

O vizinho do muro

Lyelly Janny Rodrigues da Silva Santos

37

A varanda de Lala e Juju

Maria Eduarda Cesar Fernandes

38

Dando sorte ao azar

Maria Eduarda Vaz de Farias

40

A gravidade seletiva e meu pai

Maria Vitória da Silva Oliveira

41

Sob a luz da luminária

Micaele Serafim Marcolino da Silva



SUMÁRIO

42

A cadeira que não cabia nós dois

Nicolle Vyviane Oliveira Santos

44

Tem um cara no telhado

Polyanna Santos de Moura

45

Entre linhas e fuxicos

Priscilla Karla Silva de Souza

46

Uma sala, uma TV e muitas histórias para contar

Pedro Henrique de Oliveira Araujo

48

Tic-tac...é hora de acordar!

Raissa Bernardino Ferreira

49

A Casa por dentro

Rodrigo Melo da Costa

50

A Torre de Babel das marmitas

Sabrina Ellen Paiva Maia

52

A noite em que a porta não me salvou

Talita Gomes de Carvalho Jucá

53

A história do Senhor Sapo

Thaysa Ferreira da Silva

54

BBB: o espelho que a gente evita — mas não consegue parar de olhar

Patrícia Silva Rosas de Araújo



MEU AMIGO SEMPRE TIRA A MINHA ROUPA

Adriano da Silva Oliveira

O lugar é estratégico, e aquele item reflete exatamente o que eu desejava: um encontro íntimo que se repete todos os dias. Nada planejado, mas totalmente inevitável. E era exatamente o que eu desejava. Logo cedo, me coloco diante dele e me observo, mas também me sinto observado. Ainda com o corpo preguiçoso e a racionalidade lenta, procuro me enxergar com mais carinho. Sinto que sou incrível, admirável, único, privilegiado. Naquele momento, que para mim sempre será único, me acaricio e agradeço ao universo pela moradia que me foi dada, pela dádiva da vida.

Em silêncio, o espelho me diz que aquele corpo já não é o mesmo de dez anos atrás. Nesse momento, vejo que meu olhar inicia uma busca pelas cicatrizes deixadas pelas idas e vindas da vida. Porém, o espelho me ajuda a entender que as marcas são de tempos vividos, e que os momentos de luta e de glória andam juntos. Ele, sempre fiel e imparcial, expõe cada curva, cada sombra, cada linha de expressão que beira a verdadeira crueldade. Ele não mente, e as tentativas de negociação são absolutamente nulas. Era exatamente isso que eu queria: uma superfície que expõe, todos os dias, minhas mais diversas falhas físicas e vulnerabilidades psicológicas.

E, nesse jogo diário e constante de defeitos e virtudes, encontro o lado realista, brutal, porém mágico da vida. Sinto que esses encontros me fortalecem e me fazem enxergar que viver em equilíbrio talvez seja o grande trunfo dessa vida tão instável, cheia de ocasiões inesperadas e transformações constantes.

E amanhã o encontro acontecerá novamente, possivelmente com uma nova mente, uma vez que mais transfigurações terão acontecido. E assim, não saberei quais serão os novos contornos desse diálogo entre mim e meu amigo impiedoso, silencioso e fiel: o espelho. Sem dúvidas, me entregarei de corpo e alma a essa nova troca, porque, em silêncio, conversamos sem julgamentos sobre meus medos, desejos e anseios. Sua bela superfície prateada captura a forma, mas só o coração que a enxerga pode traduzir e sentir sua verdade.

EU SOU MAIS QUE A FOTO DO PERFIL

Alex Alves Viana

Uma sexta-feira à noite, em meu quarto, debrucei-me sobre a cama. O silêncio da casa parecia acompanhar aquele momento em que a gente simplesmente pega o celular sem muito pensar. Abri um aplicativo de relacionamentos com uma leve empolgação, aquela curiosidade simples de quem imagina que talvez alguma conversa interessante possa surgir dali.

Passei por alguns perfis, observei fotos, descrições curtas, pequenos fragmentos de pessoas tentando se apresentar em poucas palavras. Havia algo curioso nisso: todos ali, de alguma forma, tentando ser vistos. Em certo momento, alguém visualizou minha foto. A interação foi rápida, quase automática, como tudo naquele ambiente. O sujeito, sem rodeios, comentou que eu era feio. A frase foi direta, seca, dessas que aparecem na tela e ficam ecoando um pouco mais do que deveriam.

Confesso que, naquele instante, senti um incômodo. Não exatamente surpresa — a internet às vezes tem esse jeito brusco de falar, mas uma pequena pontada de mágoa inevitável. Ainda assim, achei a situação curiosa. Era estranho como uma pessoa que nunca me viu, que nada sabia sobre mim, conseguia emitir um julgamento tão rápido, baseado apenas em uma imagem congelada na tela.

Depois de alguns minutos pensando sobre aquilo, a sensação começou a perder força. Percebi que, no fundo, aquela experiência dizia menos sobre mim e mais sobre o próprio ambiente em que acontece. Em lugares assim, tudo parece reduzido a segundos de atenção e a impressões superficiais.

Então, deixei o celular de lado e fiquei olhando para o teto do quarto por alguns instantes. Pensei que, de fato, nem sempre iremos corresponder às expectativas alheias, e talvez isso seja mais comum do que imaginamos. No fim das contas, cada pessoa carrega sua própria forma de olhar o mundo, e seus próprios critérios, às vezes tão rápidos quanto injustos.

A noite seguiu tranquila. E, curiosamente, a pequena situação que antes parecia incômoda acabou se transformando apenas em mais uma dessas histórias simples que a gente guarda para refletir depois. Talvez, no fundo, ela sirva apenas para lembrar que nem todo julgamento precisa ser levado tão a sério.

POP ERA NOSSO... POP ERA DO BAIRRO... POP ERA DE TODOS!

Alex Junior Batista da Silva

Já no finalzinho da gestação, minha mãe adotou um cãozinho filhote, um vira-lata fiapo de manga, pretinho, de olhos amarelos, e o batizou de Pop. Alguns meses depois, eu nasci e, à medida que crescíamos, crescia ali uma linda amizade de idades iguais. Pensa num cachorro divertido: não cansava de brincar nunca; um tanto desobediente, mas muito amado por todos.

Pop nunca aceitou bem a ideia de morar no nosso quintal. Apesar de ser bem vasto, o divo preferia ficar na frente da casa, bem no meio da rua, como se fosse o dono. Na infância, eu estudava perto de casa, então, de segunda a sexta, ele me acompanhava até a escola e me aguardava para voltarmos juntos. Nos finais de semana, fazia o mesmo quando íamos à igreja e, ao final da missa, retornávamos todos para casa.

Passados alguns anos, Pop conhecia o bairro na palma da pata e era super popular nas redondezas. Volta e outra, chegavam mães de pet furiosas lá em casa, que logo mais seriam promovidas a avós de pet, graças ao Pop. Em toda a minha vida, nunca conheci outro cão tão inteligente, alto-astral e independente quanto ele. E foi numa virada de ano que ele nos deixou, aos incríveis 15 anos de idade.

Apesar do ocorrido, esta está longe de ser uma história triste. Pensando bem, no fim das contas, Pop estava anos-luz à frente de todos nós. Enquanto a gente achava que ele era apenas um cachorro esperto e desobediente, ele já sabia que era querido, mas que sua casa era o mundo. Nós é que demoramos para entender que não era desobediência: era liberdade em seu estado mais cristalino. Hoje vejo com clareza: Pop não nos pertencia; ao contrário, nós é que pertencíamos a ele. Pop não morava conosco... nós é que tivemos o privilégio de, por um tempo, morar dentro do universo dele.



Mariana Luján Rozas Araújo
Brinquedoteca

ACABOU OXAMPU?

Andressa Miranda Rodrigues Cavalcante

Certo dia, fomos visitar o meu avô. A ideia era uma reunião de família, um fim de semana inteiro com ele. O problema é que ele era casado com uma mulher que fazia de tudo para evitar que ele nos visitasse e, por esse motivo, não tínhamos tanta afinidade.

Fomos em oito pessoas ao todo: três adultos e cinco crianças e adolescentes ansiosos por diversão. Passamos o dia entre mergulhos na piscina e risadas no churrasco em família. Mas a verdadeira história começou quando o sol baixou e chegou a hora do banho.

Fui a primeira da fila. Ao entrar no banheiro, paralisei. Fiquei espantada com a ostentação: o box parecia a prateleira de uma loja. Havia uma infinidade de xampus e condicionadores, de todas as marcas e fragrâncias.

Enquanto a água caía, aquela visão me inquietava. Foi quando a ideia surgiu, brilhante e travessa. Pensei: “Já que a gente não se dava bem, e todo esse arsenal é dela, que tal usar um pouco de cada?”

Dito e feito. Fiz uma hidratação digna de salão, usando um pouco de cada frasco que estava ao meu alcance. Saí do banho com os cabelos impecavelmente limpos, hidratados e perfumados.

Longe dos ouvidos do meu avô, é claro, corri para contar a façanha à minha mãe e ao restante da tropa. A gargalhada foi geral. A partir dali, virou um pacto silencioso.

Cada criança e adolescente que entrava no banheiro repetia o espanto e a travessura. E, pasmem, nem os adultos resistiram! Acho que, de início, eles duvidaram da minha descrição, mas, ao darem de cara com aquela vitrine de cosméticos, a tentação falou mais alto.

Passamos o resto do fim de semana tranquilos, unidos pelo nosso segredo e pelos cabelos radiantes. Até hoje, quando lembro daquela cena, me pergunto, com um sorriso no rosto: será que acabou o xampu?

ENTRE O ARROZ E O FEIJÃO, MAINHA

Ariel Katellin Bezerra de Farias

No balanço do ônibus a caminho da universidade, ou na motocicleta a caminho do trabalho, a comida da marmita dança de um lado para o outro. Todos os dias, o ritual se repete: o potinho, que veda bem, como ela faz questão de mencionar, com um talher envolvido no papel toalha. Mas, às vezes, é diferente.

Em dias pesados, cheios de preocupações e cansaço, o ritual muda. E é nesses dias que torço para abrir a marmita e conferir o talher. Mainha tem um jeito particular de me salvar nos dias difíceis. Com um pequeno bilhete, escrito às pressas no papel toalha, enquanto eu encho a garrafa de água para pôr na mochila e corro para pegar o ônibus, ela me faz agradecer pelo cansaço, esquecer as preocupações e reconhecer que elas não me definem.

É sempre assim: tiro a marmita e lá está o garfo, enroladinho, inocente, sem sequer imaginar que irá me puxar das garras da pressão psicológica e da autocobrança. Quando desenrolo, me deparo com: “Tenho orgulho de você, princesa de Mainha.” Outras vezes, diz: “Você é mais capaz do que imagina.”

E ali, sentada naquela cadeira azul, entre uma garfada e outra, meus olhos parecem ganhar um pouco mais de cor. O dia perde a urgência, a vida fica mais leve. Porque Mainha, com seu jeito único de cuidar de todos, lembrou de mim no meio de sua correria e decidiu que eu não precisaria enfrentar o dia sem um pedacinho de amor embrulhado no talher.

Ela diz ao mundo que virei adulta, e eu até concordo. Mas há horas em que me apoio nesses papéis toalha e penso no quanto eu gostaria de chegar em casa, deitar no seu colo e ouvir aquela canção: “Amar como Jesus amou.”

Eu fingia que ela me fazia dormir só para ouvi-la cantar um pouco mais. E, se ela soubesse, cantaria todos os dias.

Hoje, com a vida adulta tomando conta das horas, nosso carinho mudou um pouco. Agora é no cuidado diário, uma com a outra. É nas conversas de madrugada, quando só os galos testemunham nossas confissões, nossas parcerias de sempre.

Mas o mais interessante é que, apesar de tudo, eu sempre posso voltar para casa, deitar no seu colo e ouvi-la cantarolar. E, nos dias corridos e pesados, quando não dá para cantar ou abraçar, ela transforma esse amor todo em um simples bilhete, escrito às pressas no papel toalha.

AS MARCAS DE UMA CHEGADA

Cleimira Emanuely Lopes de Oliveira

Um dia, de forma inesperada, chegou outro alguém na minha casa. Ele não pediu licença para entrar, nem tampouco se apresentou. Chegou chegando, fez o que quis, modificou tudo e, de repente, todos se derreteram por ele. Faziam planos para ele e viviam por ele, inclusive eu.

Com ele, tive que dividir minha casa, meu quarto, meu corpo e minha vida. As paredes do meu quarto se tornaram azuis; no lugar da penteadeira, foi colocada uma cômoda e um berço. E, de repente, eu só existia por ele e para ele. O cansaço se instalou, e eu já não me reconhecia.

Mas, nas noites mal dormidas, nas preocupações em excesso e nas orações pela sua vida, instalou-se o amor.

Hoje, ao olhar minha casa, meu quarto, meu mundo, eu me questiono: por que tive tanto medo da sua chegada? Nas olheiras pela falta de sono, no cabelo caindo por causa do pós-parto, nas marcas que ser sua casa me trouxe, eu agradeço.

Por nove meses, fui sua casa. E agora você se tornou mais do que minha casa: tornou-se meu lar e meu refúgio.

Josué Rodrigues Almeida
Brinquedoteca



ERA TUDO MENTIRA, ATÉ O CABELO!

Emilly Santos Xavier

No fim da minha adolescência, conheci um cara que, sinceramente, era só para dar um upgrade no meu ego e fazer ciúmes no meu ex (que, para falar a verdade, nem lembrava mais que eu existia). Até aí, tranquilo. Não tinha sentimento, não tinha plano, não tinha nada demais.

Só que, de repente, as coisas começaram a acelerar mais do que deveriam. Quando percebi, já estava noiva de um cara cuja mãe eu nunca tinha visto na vida. Tudo o que eu sabia dele vinha dele mesmo e, como descobri depois, ele falava mais mentira do que verdade.

Em menos de seis meses, eu já tinha uma aliança de ouro com meu nome gravado e estava prestes a deixar minha casa, onde vivi por 18 anos, para me mudar para uma verdadeira ratoeira que ele chamava de “lar”. Foi aí que, um dia antes da mudança, a bomba estourou.

Idade? Mentira. Quantidade de filhos? Mentira. Parentes? Mentira. Carro? Mentira. Casa? Mentira também. Mas nada me derrubou mais do que a maior revelação de todas: ele era careca. Careca!!! E mentia sobre ter cabelo.

Isso porque ninguém nunca o via sem boné. E o restinho de cabelo que ainda tinha era puxado para fora, num truque tosco, só para fingir que tinha uma cabeleira escondida ali embaixo. Para completar, aquele boné tinha uns vinte anos — a mesma idade que ele dizia ter a menos.

No fim, terminei o noivado, mandei ele pastar e segui minha vida. E foi a melhor escolha que fiz, mesmo ele tendo saído devendo 500 reais no meu cartão de crédito.

A ESTRANHA SEGURANÇA DE SE ESCONDER DEBAIXO DO COBERTOR

Fernanda de Andrade Costa Pereira

Era só um cobertor. Pelo menos, era isso que qualquer pessoa diria ao olhar para aquele tecido macio, já um pouco gasto nas pontas, com cheiro de noites bem dormidas, onde podemos nos esquentar e cobrir tudo aquilo que queremos esconder. Mas eu sabia a verdade: ele era meu escudo, meu esconderijo particular, meu portal para longe de tudo aquilo que eu poderia repensar e que iria me tirar dali.

Naquela noite, depois de assistir a um filme de terror para o qual eu claramente não estava preparada emocionalmente — onde já se viu uma criança assistindo a esse tipo de filme? —, o que mais poderia me acalantar, me esconder e me proteger? Ele virou mais do que um cobertor: virou fortaleza. A tela ainda brilhava na minha mente, ainda que fossem apenas alguns frames, ampliados pela imaginação fértil, repetindo cenas que eu queria esquecer, mas que pareciam ter feito morada no escuro. Cada sombra parecia mais funda, cada ruído mais afiado, cada lembrança mais viva.

E lá estava eu, deitada, apenas com os olhos para fora, amedrontada, tentando convencer minha respiração a agir normalmente. A casa inteira estava em silêncio, mas o silêncio, às vezes, é o pior dos sons. Foi então que aconteceu: um toque. Leve. Gelado. Bem ali, na ponta do meu pé. E depois, uma sensação que parecia um pequeno arranhão, como se fossem garras afiadas.

Meu corpo congelou e, por um instante que pareceu uma eternidade, pensei que o filme tinha escapado da TV e invadido o mundo real. Minha alma quase saiu pela janela. Mas, antes que o pânico tomasse conta de mim, fiz aquilo que sempre funcionou desde criança: puxei o cobertor por cima da cabeça. E, como sempre, ele fez sua mágica.

Não sei se era superstição, inocência, fé ou tudo misturado, mas, sob aquele cobertor, eu sentia um tipo de proteção que nenhum adulto explica. Ali dentro, monstros não me achavam, espíritos não chegavam perto, sombras perdiam a coragem. Até o toque gelado parecia ter sumido, como se o cobertor tivesse engolido o medo antes que ele me engolisse.

Lembro de ficar encolhida, ouvindo meu próprio coração, até adormecer. No dia seguinte, descobri que provavelmente tinha sido só um lençol escorregando... ou talvez minha imaginação continuando o filme. Mas, sinceramente, não importa. Porque o cobertor — ah, o cobertor dos sonhos — nunca me perguntou o que era real. Ele só me abraçava, e pronto.

E, até hoje, quando a vida me dá novos monstros (e eles sempre vêm), eu ainda penso naquele velho cobertor. Talvez eu já tenha crescido, mas parte de mim ainda acredita que existe um tipo de magia silenciosa em se esconder por alguns instantes, respirar fundo e lembrar que, às vezes, tudo o que precisamos é de um lugar quentinho onde o medo não entra. Mesmo que esse lugar seja só um cobertor.

SEM SELA E SEM FREIO

Flavia Karoline Silva de Pontes

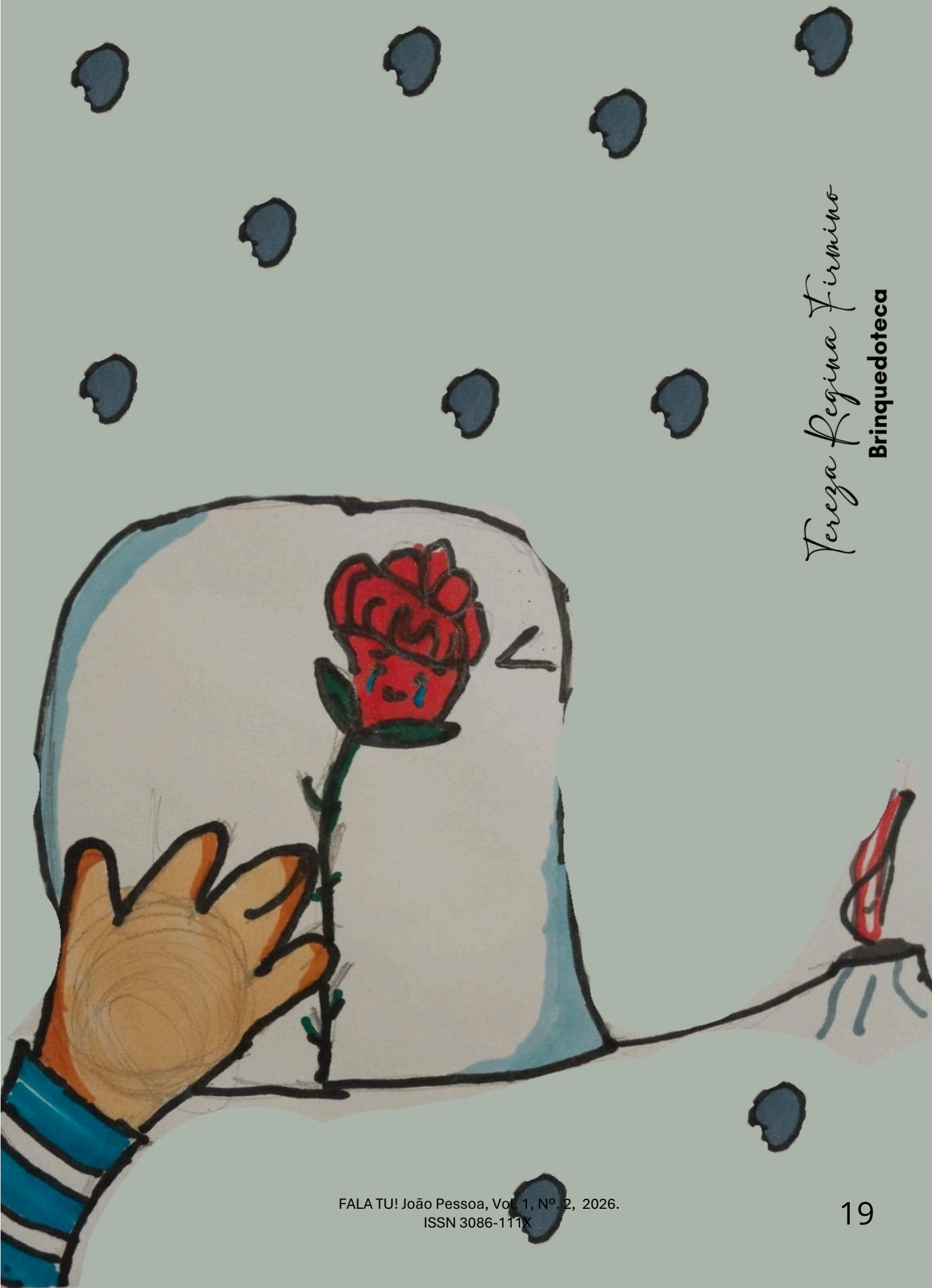
Quando comecei a trabalhar, meu pai me levava todos os dias. Era nossa rotina, quase automática. Até que me casei... e a vida deu aquela virada que faz a gente ter que se virar sozinha. Meu marido, tentando me ajudar, comprou para mim uma bicicleta. Coitado, levou um golpe sem nem perceber: a biccicletinha era tão velha que não valia nem o valor que ele pagou.

A bicicleta não tinha sela; no lugar, havia uma sacola plástica amarrada. Não tinha freio... mas tinha presença. Foi minha companheira nos primeiros meses daquela fase nova da minha vida. Eu subia nela todos os dias, no mesmo horário, respirava fundo e encarava o caminho difícil: uma área perigosa, com estradas esburacadas. E, se chovesse, então, a bicicleta sempre atolava nas poças de lama. Ainda assim, fui criando uma certa afetividade por aquela coitada. Afinal, ela me levava e trazia, mesmo rangendo igual porta velha.

Um dia, porém, quase atropeliei uma professora da creche onde trabalho por não conseguir frear. Foi um susto tão grande que, quando cheguei em casa, encostei a bicicleta na garagem e decidi que, por enquanto, seria mais seguro ir andando. E lá ela ficou, parada, juntando poeira. Teve até um momento em que quase a vendi para o ferro-velho, mas fiquei com dó. Parecia que, apesar de tudo, eu devia a ela algum tipo de gratidão.

Com o tempo, ela foi ficando esquecida, até que a velhice venceu de vez. Jogamos a bicicleta fora, pois ela já não tinha mais jeito.

Hoje, meu marido tem uma moto e me leva todos os dias para o trabalho. Mas, às vezes, passo pela garagem, olho o espaço vazio e me lembro da bicicleta sem sela, sem freio, sem glória nenhuma... mas cheia de histórias. Minha primeira companheira nessa fase nova da vida.



Fereza Regina Firmino

Brinquedoteca

RAJADAS NO MURO

Gleudson Ferreira da Costa

À noite, depois da janta, fui colocar as roupas para lavar. Já era rotina fazer isso sempre no mesmo horário, como parte do fim do dia. A máquina de lavar estava com defeito e fazia um barulho extravagante quando começava a centrifugar. Deixei-a trabalhando, fui ao quarto me preparar para dormir e decidi deixar para estender as roupas no dia seguinte.

De repente, minha mãe bate à porta. Estava procurando o controle das câmeras, pois tinha recebido um telefonema do meu tio, que mora ao lado, dizendo que havia um assaltante dando rajadas de tiro em cima do muro.

Fomos verificar. Procuramos esse bendito ladrão nas imagens. Nada.

Meu tio insistia:

— Tem alguém, sim, dando tiros em cima do muro. Estou vendo a cabeça dele daqui!

Procuramos de novo. E nada.

Depois de um tempo, percebemos que o tal “assaltante” era, na verdade, a máquina centrifugando sem parar. O barulho forte ecoava no quintal, e o coitado do meu tio, na dúvida, completou o resto da história com a imaginação.

É aquela coisa de fofoqueiro:

— O que a gente não sabe, a gente inventa. E o que a gente sabe, a gente aumenta.

ENTRE AS LINHAS DA VIDA, MAINHA E SEU CROCHÊ

Ingryd Nayara Monteiro da Silva

No quarto de mainha, a vida ganha outro compasso, outro abraço. Entre a luz da TV e o brilho suave do celular, o dia começa a se ajeitar devagar, como se o mundo inteiro quisesse respirar no mesmo ritmo da agulha que ela faz dançar. Basta o primeiro ponto ser tecido para que tudo se acomode: o silêncio, a memória, até a dor que incomoda. Ela diz que o crochê é terapia, que, para ela, é calmaria — e dá para ver, na poesia que mora no olhar, que, com amor, ela transforma.

E, quando chega cansada, depois de enfrentar batalhas que ninguém vê, basta tecer um ponto aqui, outro acolá, que o quarto se acalma, os pensamentos se ajeitam, a alma se abraça, e tudo volta a se entender.

Cresci vendo mainha transformar romances e linhas em histórias: tapetes que ficam na memória, toalhinhas que chegam antes mesmo de a gente imaginar. Mainha começa a tecer e, ao mesmo tempo, a imaginar a beleza que vai nascer dali: flores de linha que nunca vão murchar, por mais que o tempo insista em passar.

Enquanto trabalha, conversa baixinho, sorri para o nada, suspira fundo — e, nesse silêncio que fala mais que o mundo, eu entendo, de um jeito que só o coração entende, que cada ponto é um abraço que ela dá na vida. Uma forma bonita, paciente e sentida de juntar o que o destino desfez nessa caminhada tão longa.

E o mais bonito é ver que, entre tantas linhas, ela também se refaz. O crochê segurou sua paz quando a dor pesava demais. Porque, nessa arte de fazer e desfazer, sempre existe um jeito de renascer: não deu certo? Desfaz. Começa outra vez. Troca o ponto, muda a vez. A vida também é assim, mas só ela lembra disso com tanta lucidez.

E como aprende fácil. Como entende o compasso. Vê um vídeo curto, um modelo novo, e acerta de primeira, como quem já traz o dom no coração, o talento no peito e a habilidade no jeito, que nunca se desfaz. Cada movimento carrega a memória de tudo que ela viveu, sofreu, venceu — e sabe que ainda é capaz.

Porque mainha já atravessou dores grandes demais para o mundo medir. Quebrou por dentro sem poder cair, segurou a tristeza com a força de quem precisa seguir. E, ainda assim, renasceu. Ainda assim, sorriu. Ainda assim, floresceu entre fios coloridos e dramas coreanos que lhe fazem companhia, bordando esperança no meio do dia.

Quando olho para ela crocheteando, parece que cada ponto é um respiro, cada peça, um suspiro, cada romance, um capítulo reescrito com carinho. Tudo feito sem pressa, sem medo, nesse segredo tão bonito que enche o quarto inteiro de brilho.

Entre as linhas da vida, mainha não faz só crochê: ela tece fé, tece força, tece amanhã. E me ensina, sem palavra, sem pressa, que sempre dá para recomeçar, mesmo quando o fio embarça, quando a vida ameaça, quando o ponto foge sem avisar. Que tudo, absolutamente tudo, pode ser feito outra vez, com fé, coragem, amor e paciência.

A CASA SEM CEP

Jennifer Borba de Andrade Silvestre

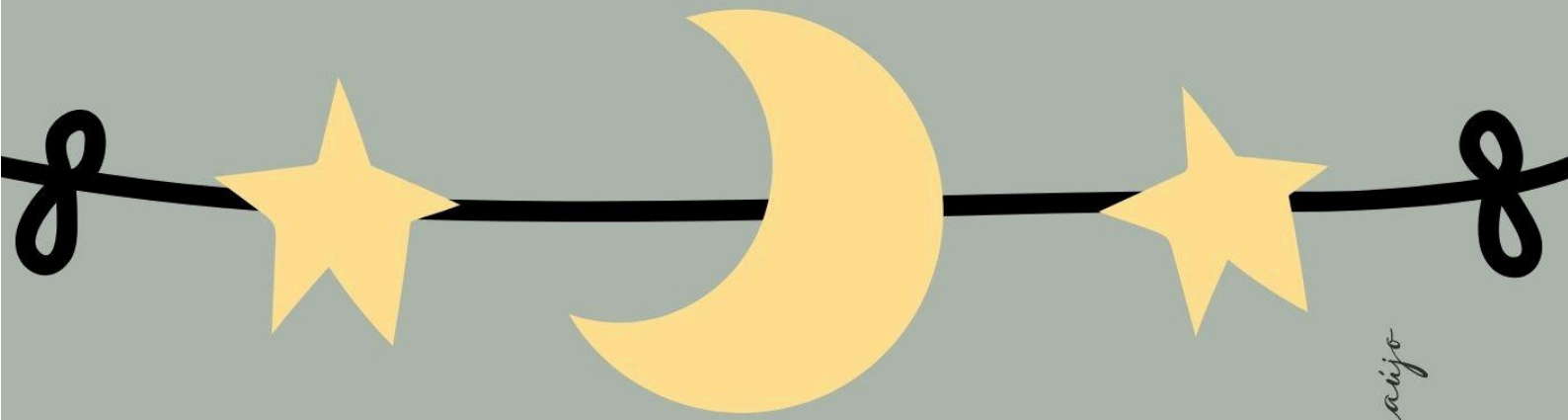
Eu passei anos tentando entender onde realmente pertencço. E, por muito tempo, achei que pertencimento fosse geografia: cidade, bairro, endereço. Mas descobri, aos poucos, que existe um tipo de pertencimento que não tem CEP. Ele acontece quando a gente encontra pessoas, momentos ou lembranças que fazem o mundo ficar do tamanho certo.

Quando saí de onde cresci, senti que tinha deixado para trás não só uma casa, mas uma versão inteira de mim: a de quinze anos, que ainda acreditava que o lugar onde você nasce deveria ser automaticamente o seu lugar no mundo. Mas não é assim. Às vezes, você chega a outro canto, com outros ventos, outras paisagens, e percebe que está sempre um pouco deslocada, como se estivesse com o corpo em um lugar e o coração em outro.

E, mesmo assim, algo dentro de mim começou a aprender um segredo: pertencer não é estar, é caber. E eu percebi que cabia em coisas pequenas. Cabia nos abraços que ficaram longe, mas nunca deixaram de me pertencer. Cabia nos silêncios em que eu me reconhecia. Cabia nas músicas que falam de ser filha de ninguém, de estar no vento e na água — músicas que parecem entender exatamente quando a gente se sente entre mundos, tentando descobrir onde encaixa.

A verdade é que muita gente vive assim: carregando um lugar no peito enquanto tenta criar outro sob os pés. Gente que se pergunta se um dia vai sentir que está onde deveria estar. Gente que sente falta de algo que não sabe nomear. E talvez seja esse o ponto: pertencimento não precisa ser definitivo. Pode ser movimento. Pode ser ponte. Pode ser a soma de todos os lugares onde você já sentiu que era vista de verdade.

Hoje, eu entendo que pertencço a tudo o que me acolhe, mesmo que temporariamente. Pertencço às memórias que me fizeram quem sou. Pertencço às pessoas que me deram motivos para ficar, mesmo quando precisei ir. Pertencço às versões de mim que sobreviveram às mudanças. E, no meio disso tudo, encontro um tipo novo de lar: um lar que não é casa de cimento, mas casa de sentimento. É nesse lar que eu descanso quando o mundo pesa: no espaço silencioso onde finalmente aprendi a caber em mim mesma.



André Delmar Rozas Araújo
Brinquedoteca



SE EU ABRISSE O PORTÃO?

Julia Dias Alves

Desde que me mudei para cá, o caos e a desordem das caixas tomaram conta da rotina. Logo eu, que já habitei tantas casas e tantos corações, acreditava estar protegida contra a bagunça das mudanças e das pessoas. Mas, desde a última vez, me vi perdida.

Eu ainda me sentia uma estranha naquela nova casa. Minha vontade era ganhar a rua, mas o portão marrom parecia uma fronteira difícil de cruzar. Toda vez que eu passava o cadeado, sentia o peso de uma segurança que custava caro: o isolamento. O ferro frio era o espelho do meu coração naqueles dias: fechado para evitar novos danos, mas trancado para qualquer surpresa. Era um dilema constante: entre os muros, eu estava segura, mas o mundo lá fora continuava acontecendo sem mim. Eu vivia o paradoxo de estar salva na minha própria solidão.

Perguntava-me constantemente se devia me arriscar de novo, se valia a pena tirar o cadeado e puxar o portão, sair daquele caos interno e respirar um ar além dos muros. Mas o portão marrom me intimidava. Ele parecia carregar um lembrete silencioso de tudo o que testemunhou na calçada do vizinho, da última vez em que resolvi me expor: aquele adeus mudo e a tempestade barulhenta que desabou aqui dentro depois.

Até que, um dia, após algumas mensagens, risadas ao telefone e um sentimento que parecia não caber no peito, resolvi ignorar o medo. Respirei fundo e, num impulso de coragem, puxei o portão. Naquela mesma calçada, estava você, esperando pacientemente. Quando me viu, abriu um sorriso tão genuíno que esqueci instantaneamente o motivo de ter me escondido por tanto tempo. Fechei rapidamente o portão atrás de mim, deixando o medo do lado de dentro. A calçada do vizinho, antes palco de despedidas, virou o cenário do nosso primeiro contato. Foi ali que você me disse, com toda a calma do mundo, que não importavam os quilômetros que havia percorrido, nem quantos mais teríamos que andar para chegar à minha praia preferida: nós iríamos. O portão me viu chegar mais tarde naquele dia. Eu trazia cheiro de areia, de mar e de paixão.

Algum tempo depois, o cenário se repetiu, mas a história era outra. Na frente desse mesmo portão, exatamente na calçada do vizinho que antes guardava memórias cinzas, ele me deu flores. Com um nervosismo que me fazia rir e desarmava qualquer resto de medo, segurou minhas mãos, me olhou com olhos gentis e me pediu para ficar na sua vida para sempre. O portão, ali atrás, parecia agora apenas um coadjuvante silencioso de uma cena colorida.

Não sei ao certo quantos paradoxos cabem em uma vida, mas descobrir que o mesmo lugar que guardava silêncios agora transborda o nosso encontro me fez entender que o medo nunca foi do ferrolho. Estar ali, com essa nova coragem e sob o seu olhar, não apenas me ensinou a abrir o portão, mas curou cada centímetro daquela calçada. Afinal, as fases da vida não apagam o que passamos; elas simplesmente reescrevem o roteiro, transformando antigos fantasmas em cenários de recomeço. Percebi, enfim, que o portão nunca foi pesado; era apenas o meu coração esperando por um sorriso que me mostrasse como a vida pode, e deve, ser leve.

NÓ DE LIGA, NÓ DE AFETO

Kamila Maria Araújo de Paiva

Ela chegou à casa de vó Maria em 2008, mais ou menos na mesma época em que o YouTube carregava em 240p, se a internet colaborasse. Uma geladeira de uma porta só, branca (ou o que restava do branco depois de alguns anos), sem Frost Free, sem dispenser de gelo, sem display digital. A luz interna era uma lâmpada comum que queimou em 2013 e ninguém nunca trocou. A gente simplesmente abria a porta e adivinhava o que tinha lá dentro, à meia-luz.

Vó Maria dizia que ela “era de boa qualidade, dessas que duram”. E durou. Ficou cinco anos lá, firme e forte, até que chegou o momento inevitável: a borracha da porta, aquela vedação que um dia foi macia e eficiente, começou a endurecer, rachar e, por fim, desistir completamente da missão de vedar. O ar frio escapava, o motor trabalhava dobrado, a conta de luz subia..., mas jogar fora? Nem pensar.

A solução caseira foi genial: um esticador — daquelas cordas de prender o capacete na garupa da moto — amarrado em volta da geladeira, dando duas voltas bem firmes na lateral. Toda vez que alguém queria pegar algo, era preciso soltar a corda, abrir a porta, pegar o que precisava e depois amarrar de novo, com capricho. Virou ritual. Vó Maria brincava: “Essa geladeira agora é de cinto, igual homem magro depois do almoço de domingo”.

Depois, ela veio para a casa da minha mãe. Sete anos de serviço honroso. Nessa fase, o motor fazia um barulho que parecia um ventilador de teto velho brigando com um liquidificador. A corda de liga continuou firme no posto. Minha mãe batia duas vezes na lateral dela toda vez que ligava, como quem dá uma tapinha no ombro de um amigo que já está na terceira crise: “Vai, minha filha, aguenta mais um pouquinho”. E aguentou.

Hoje, ela mora no sítio. Está lá desde 2015, mais velha que metade dos memes que a gente manda no grupo da família. Quando se abre a porta dela (depois de soltar a corda, claro), o cheiro é uma mistura de: cheiro de geladeira antiga (todo mundo sabe qual é); restinho de café coado de ontem; limão que alguém esqueceu lá dentro em 2017; e um leve perfume de esperança de que o iogurte grego ainda esteja bom.

Ela não tem prateleiras de vidro temperado nem gavetão inteligente. Tem um congelador tão pequeno que mal cabe um pote de sorvete (mas cabe, sim, porque a gente dá um jeito e empurra o saco de ervilha congelada para o canto).

Já tentaram aposentá-la. Minha mãe trouxe uma Frost Free novinha em 2020. Ficou seis meses na sala da frente, toda reluzente, silenciosa, moderna, com alarme de porta aberta. A geladeira velha ficou no canto, desligada, olhando com cara de “vão sentir minha falta”. E sentiram.

O freezer novo queimou a resistência em quatro meses, e ninguém conseguia achar onde colocar as panelas de feijão que sobravam do almoço. Resultado: a Frost Free foi para a casa da tia, e a velha voltou, triunfante, para o seu lugar de sempre, com a corda de liga já esperando por ela. Hoje, toda vez que alguém reclama do barulho ou da corda, a gente responde na lata:

— É o som da tradição, meu filho. É o barulho de quem já viu formatura no Zoom, casamento com live no Instagram, neto nascendo com foto no Stories, crise, pandemia, home office... e ainda está aí, gelando a cerveja do fim de semana, mesmo precisando de corda para não abrir sozinha.

Ela não é só uma geladeira. É um monumento à teimosia. Um troféu de longevidade na era do descarte rápido.

A DESCIDA

Kaylany Dantas de Andrade Santos

Quando eu era criança, ao lado de casa havia uma descida. Não era uma ladeira íngreme, dessas que assustam, mas uma suave, de terra, perfeita para ganhar embalo. Era ali que Mainha me colocava na bicicleta e anunciava, com muita convicção: “Hoje você vai aprender.”

O mais curioso disso tudo é que ela ensinou todo mundo do mesmo jeito. Transmitia uma segurança tão genuína que a gente jamais desconfiava. Mainha segurava firme na sela, dava aquele empurrãozinho estratégico e saía correndo ao lado, repetindo, sem fôlego: “Tô aqui, tô aqui, pode ir!!!” E eu acreditava. Criança acredita fácil, principalmente quando é a mãe falando. Claro que tinha as quedas, de praxe, mas ela dizia: “Levanta-se e vamos de novo!!!”

O que eu não sabia é que Mainha nunca soube andar de bicicleta. Ela segurava a sela, mas o equilíbrio era todo meu. Ela corria ao lado, mas a segurança era toda dela.

Hoje eu cresci. Moro longe da minha cidade, tentando manter o equilíbrio do guidom da vida por conta própria, e confesso que, às vezes, a firmeza me falta. Nessas horas, tudo o que eu queria era o colo de Mainha. É como se, naquele colo, não houvesse tombo que doesse de verdade, do mesmo jeito que eu achava quando pequena, quando acreditava que mães não ficavam doentes, porque eram elas que cuidavam de tudo e de todos.

De vez em quando, num acesso de saudade, sinto vontade de voltar para aquela descida. Para aquele tempo em que o meu maior medo era ralar o joelho ou não dar conta da curva. Mas, já que não dá para voltar, me contento com o que a distância permite. Por isso, nas chamadas recentes do meu celular, só tem ela: Mainha. Porque toda hora é boa hora para ouvir a voz dela. Para perguntar se o abacaxi da feira está doce ou ainda está verde, ou qualquer outra coisa. É um jeito de, mesmo longe, ainda sentir a mão dela firme na sela, dizendo: “Tô aqui, pode ir!!!”



ENTRE A MESA DO QUARTO E A SALA DE AULA

Kleberson Santos de Pontes

Lá estava eu de novo, iniciando o semestre letivo de 2025.2, em 2026, com entusiasmo e expectativas sobre o que estava por vir. Logo de cara, nossa professora nos lançou um desafio: criar uma crônica. De forma geral, ela deveria conter cenas do cotidiano, com uma linguagem simples e leve.

Com isso, foram apresentados os aspectos que a crônica deveria ter, especialmente aqueles que envolvem características da casa, como quarto, mesa, computador, notebook, cadeira, e assim por diante.

E foi assim que surgiu uma dúvida na minha mente: o que eu deveria falar e escrever nessa crônica? O que seria tão relevante a ponto de ser apresentado? Afinal, meu cotidiano é deveras pacato; não acontece algo tão importante para ser relatado. Diante disso, surgiu uma ideia: por que não falar das diferentes dimensões que são o semestre letivo e o período de férias? E de como o cotidiano é diferente entre os dois?

E como não falar dos diferentes contextos aos quais o meu cotidiano está vinculado? O primeiro é a universidade, essa que eu escolhi e pela qual tenho paixão, onde aprendi, de diversas formas, a ser alguém melhor e a me tornar um excelente profissional na arte de educar. É nela que aprendo as diversas formas teóricas do ensino, suas metodologias, a teoria Freiriana e os pensamentos de diversos autores, como Paulo Freire, Durkheim e outros. E como não falar da teoria Freiriana, que busca na educação uma prática de liberdade, garantindo que o sujeito se torne livre, capaz de decidir seus próximos passos e de promover a transformação social? É por isso que busco aprender cada vez mais com a graduação, pois ela pode me garantir uma vida livre e socialmente transformada. Com isso, poderei levar a prática da liberdade e a transformação social aos alunos, permitindo que eles também possam transformar o mundo.

Já o outro mundo, a dimensão paralela que só pode ser vivida quando estou de férias, é a mesa do quarto. É lá que se encontra tudo o que representa a cultura interior deste autor. É nela que gosto de ler os livros que tenho e aprecio, e é nela que gosto de imaginar. É com as próprias páginas que estou lendo que a mente hiperativa consegue descansar, buscar o pensamento e trazer a criatividade e a imaginação. É ali que o livro deixa de ser fictício e se projeta do físico para o pensamento.

É nesse momento que estudar se torna mais imersivo, suave e fluido, pelo fato de eu poder escolher o que estudar. Posso optar por um tema mais agradável e, ao mesmo tempo, importante, e assim aprender com amor. É também o lugar onde o mundo fictício se torna espelhado e físico, e onde o pensamento se torna verdade e se faz concreto.

E é também nesse período que consigo sair e viajar com a família, aquela que me apoia e garante o sustento para que eu continue avante, sempre buscando alcançar meus objetivos. São eles que favorecem minha permanência no curso e me apresentam um toque de realidade sobre a minha vida e a vida que eles tiveram. Parte superior do formulário

ENTRE O CHÃO E O TETO, NÓS!

Laysa Vitória Pereira Ferreira

A casa onde eu cresci não era grande, mas sempre cabíamos: eu e meus cinco irmãos, cada um com seu jeito, seus medos e seus sonhos. O espaço era apertado, mas o amor era largo, desses que se espremem pelos cantos e, mesmo discretos, sustentam tudo o que parecia impossível.

As dificuldades chegavam sem aviso, como se fossem parte da mobília. Sentavam-se conosco à mesa, dividiam o pouco que havia, vinham junto com as contas atrasadas e com a preocupação que mainha e vovó tentavam esconder no canto dos olhos. Ainda assim, elas mantinham a casa de pé.

Improvisavam na cozinha, inventavam força onde não havia, cuidavam da gente como quem segura o mundo com as duas mãos. Foram elas que ensinaram que afeto é ferramenta para dias ruins e que amor também é resistência.

E, mesmo no aperto, a gente se encontrava. Quando o Flamengo jogava, parecia que todo mundo se juntava ali, como se aquela casa pequena abrisse espaço só para caber a gente inteira. Não tinha carne, nem fartura, nem mesa cheia, mas tinha risada, conversa e o conforto de estar junto, além da euforia compartilhada de ver o nosso time do coração jogar. Quem quisesse podia dormir ali mesmo, no chão ou no colchão velho que já conhecia todos nós. Era simples, mas tinha amor e isso nos bastava.

Hoje, cada um de nós seguiu seu caminho. As portas mudaram de lugar, as janelas são outras, e, às vezes, aquela casa apertada parece distante demais. Mas basta ouvir a risada de um dos meus irmãos ou sentir o jeito como mainha diz meu nome para que tudo volte. É como se a casa inteira coubesse novamente dentro de mim, intacta, silenciosa e tão viva quanto antes.

E, quando penso na mulher que me tornei, sei exatamente de onde cada parte veio. A firmeza aprendi com vovó, que nunca deixou o medo fazer morada. A coragem veio de mainha, que sustentou seis vidas com pouco mais do que o próprio coração. Se hoje caminho com segurança, é porque fui criada por duas mulheres que, mesmo sem dizer, me ensinaram que casa é onde nasce a força. E a minha nasceu ali, entre elas.

TODO DOMINGO É SAGRADO!

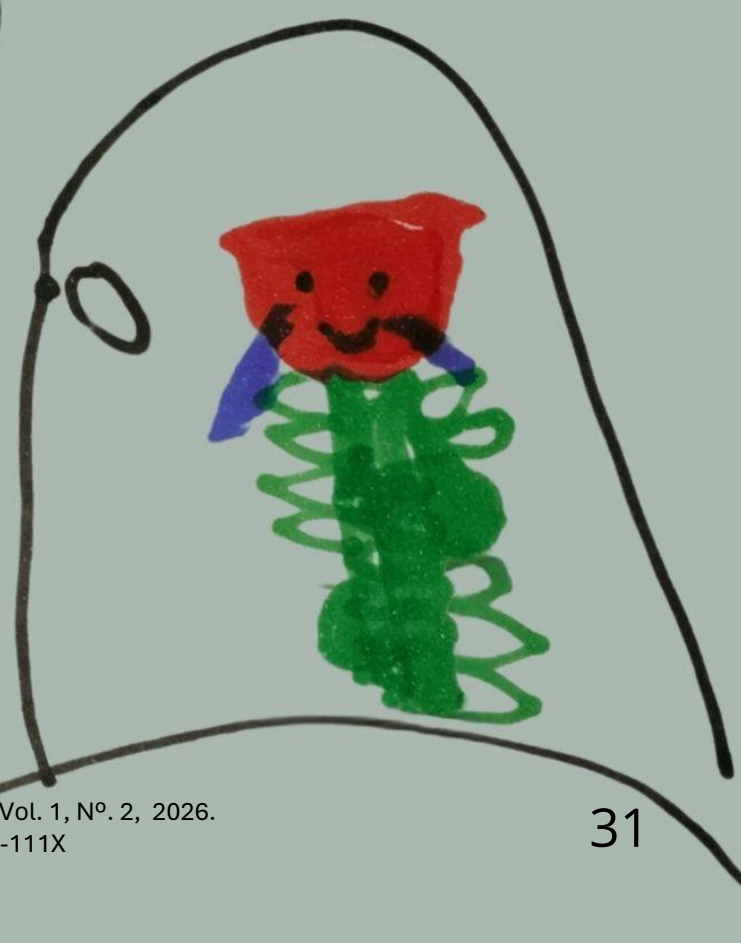
Leticia Alves dos Santos

Minha família é daquelas que se reúne por qualquer motivo — e, às vezes, sem motivo nenhum. Todo domingo é sagrado: minha mãe faz o almoço aqui em casa, uma tradição de anos, desde que me entendo por gente. Vêm minha avó, o esposo dela, minha tia-avó, minha tia, meu padrinho e meus primos. A casa fica cheia, as crianças correm e brincam, a gente almoça e depois experimenta algum sabor novo de dindin que minha mãe preparou. Conversamos sobre os acontecimentos da semana e sobre qualquer coisa da vida.

Minha família ama comemorar aniversários. Nenhuma data passa em branco. Mas o mais esperado do ano é o da minha mãe, que faz aniversário no mesmo mês que o meu padrasto. A gente unifica e faz uma festa só, chamando todo mundo. Vêm os tios e primos mais distantes, que não conseguem estar presentes todos os domingos, e vêm também os amigos mais próximos da família.

Nesses momentos em que estamos todos juntos, percebo que é exatamente ali que quero estar: comendo a melhor comida do mundo, cercada de pessoas que me fazem bem. A vida acontece assim, no simples. Acontece quando as crianças brincam, quando a gente conversa, quando o riso se espalha pela casa. São momentos que fariam muita falta se não existissem.

E assim seguimos, de um aniversário ao outro, mantendo nossos domingos em família, com uma bagunça boa e o coração sempre cheio de amor.



A “MÁFIA” DA MINHA FAMÍLIA

Leticia Kelly Feitosa

Todo mundo diz que família se reconhece pelos costumes. Tem família que se junta para comer, tem família que se reúne nos feriados, tem família que se encontra para comemorar. A minha? Ah, essa se junta para apostar a dignidade no dominó.

Tudo começou com a minha avó, essa senhora de mais de 80 anos que, se tivesse nascido na Itália, provavelmente teria montado uma máfia bem-sucedida. Mas, como se fez Feitosa, montou uma organização clandestina de dominó, que já contaminou filhos, netos e, inclusive, está treinando bisnetos sem o menor pudor.

Se tem reunião de família, tem dominó. Se é domingo, tem dominó.

Se alguém espirra, é capaz de minha avó perguntar: “Bora jogar?” E assim a tradição segue viva, forte e competitiva, porque ali ninguém está brincando: é cada um por si e a matriarca por todos.

Lembro perfeitamente do início da minha carreira nesse submundo da jogatina. As apostas eram feitas com palitos de fósforo. Eu, esperta, saqueava as caixas de casa como quem rouba o ouro da coroa. Minha mãe, até hoje, esconde os fósforos como se eu tivesse algum vício perigoso. Bom... perigoso, não sei, mas viciante, com certeza é.

Com o tempo, as apostas aumentaram, as piadas também, e até hoje me vejo sempre esperando pelo próximo domingo.

Todas as vezes que eu saio para jogar, minha mãe solta um: “Já vai, viciada?” Mas como é que eu vou negar o convite da minha avó? Aquela mulher olha para mim e diz “bora jogar hoje?” com a mesma energia de quem está chamando para salvar o mundo. Meu pai ainda reforça: “Tua avó já veio te chamar”. Ou seja, não tenho escapatória. O que torna tudo mais engraçado é que, se eu não jogar, minha avó “fica doente sem o dominozinho dela”, como sempre diz minha tia.

E, em uma família em que o hobby é jogar, financiado pela matriarca — onde meus tios jogam, as tias jogam, os maridos e esposas jogam, meu pai joga, os primos jogam —, eu te pergunto: filho de peixe...?

Bom, no meu caso, o filho de Feitosa joga dominó, sim. E joga bem, porque, se não jogar bem, vai ouvir piada da família inteira até o próximo réveillon.

Então, quem seria eu para quebrar a tradição?

No fim das contas, percebi que o que faz da minha família a minha família não é apenas mesa farta, nem as reuniões de domingo ou as receitas especiais. É o dominó. É a gritaria saudável. É a competição que não termina nunca. E, principalmente, é a certeza de que, quando eu abrir a porta da casa da minha avó, ela vai estar lá, segurando uma pedra na mão e dizendo:

— Senta aí, que hoje eu ganho de tu!

DUELO NO QUINTAL

Luana Andrade dos Santos

O quintal da casa onde cresci foi cenário de muitas das minhas brincadeiras na infância. Era um lugar amplo, quase como um pequeno sítio. A casa era rodeada de plantas e de grandes pés-de-manga, acerola, laranja, caju e jaca. As galinhas ciscavam no chão de terra, sob a sombra das árvores, banhando-se de poeira para se refrescar do calor do meio-dia. Era ali, embaixo das mangueiras, que eu me aventurava em escaladas até o topo e criava minhas histórias e mundos, enquanto o ruído das folhas ao vento parecia imitar o som das ondas do mar.

Mas havia um canto do quintal que sempre me intrigou. Perto de uma grande mangueira, próxima à cerca, o vento parecia ter vontade própria. Toda vez que eu me aproximava, ele vinha forte em cima de mim, quase indignado, como um cachorro espantando quem chegava perto do portão da casa. Quando eu me afastava, o vento se apaziguava e o silêncio voltava.

“Que bicho chato!”, pensei, encabulada, enquanto continuava a brincar. E assim fui travando um duelo silencioso contra o vento.

Eu sentia que ele queria me expulsar daquela parte do quintal. E, por pura implicância infantil, enfrentava as rajadas ranzinzas impondo a minha presença, como se dissesse: “não vou embora, aprenda a compartilhar”. E ele respondia, irritado, com um “vuuuuvoosh!”, jogando poeira em meu rosto.

Hoje percebo que aquele vento fazia parte dos sons da minha infância, da casa onde cresci, das pessoas com quem convivi, dos saberes que me foram passados e das lembranças boas e ruins. A mangueira que um dia foi testemunha de toda essa disputa não está mais lá. Um fungo traiçoeiro a apodreceu por dentro, e ela precisou ser queimada para não contaminar as outras árvores. Agora, naquele canto, só passa um vento leve, quase um sussurro pela cerca. Envelhecemos.

Penso que, naquela época, talvez o vento estivesse brincando comigo. Talvez, na imaginação de criança, eu tenha inventado um amigo invisível para arengar ou medir forças, desafiando-me a ser corajosa. E, até hoje, quando sinto o vento passando pela minha pele, lembro do meu velho amigo sussurrando aos meus ouvidos: “vuuuuuuuuuu!”.

DUELO NO QUINTAL

Luana Andrade dos Santos

O quintal da casa onde cresci foi cenário de muitas das minhas brincadeiras na infância. Era um lugar amplo, quase como um pequeno sítio. A casa era rodeada de plantas e de grandes pés-de-manga, acerola, laranja, caju e jaca. As galinhas ciscavam no chão de terra, sob a sombra das árvores, banhando-se de poeira para se refrescar do calor do meio-dia. Era ali, embaixo das mangueiras, que eu me aventurava em escaladas até o topo e criava minhas histórias e mundos, enquanto o ruído das folhas ao vento parecia imitar o som das ondas do mar.

Mas havia um canto do quintal que sempre me intrigou. Perto de uma grande mangueira, próxima à cerca, o vento parecia ter vontade própria. Toda vez que eu me aproximava, ele vinha forte em cima de mim, quase indignado, como um cachorro espantando quem chegava perto do portão da casa. Quando eu me afastava, o vento se apaziguava e o silêncio voltava.

“Que bicho chato!”, pensei, encabulada, enquanto continuava a brincar. E assim fui travando um duelo silencioso contra o vento.

Eu sentia que ele queria me expulsar daquela parte do quintal. E, por pura implicância infantil, enfrentava as rajadas ranzinzas impondo a minha presença, como se dissesse: “não vou embora, aprenda a compartilhar”. E ele respondia, irritado, com um “vuuuuuooosh!”, jogando poeira em meu rosto.

Hoje percebo que aquele vento fazia parte dos sons da minha infância, da casa onde cresci, das pessoas com quem convivi, dos saberes que me foram passados e das lembranças boas e ruins. A mangueira que um dia foi testemunha de toda essa disputa não está mais lá. Um fungo traiçoeiro a apodreceu por dentro, e ela precisou ser queimada para não contaminar as outras árvores. Agora, naquele canto, só passa um vento leve, quase um sussurro pela cerca. Envelhecemos.

Penso que, naquela época, talvez o vento estivesse brincando comigo. Talvez, na imaginação de criança, eu tenha inventado um amigo invisível para arengar ou medir forças, desafiando-me a ser corajosa. E, até hoje, quando sinto o vento passando pela minha pele, lembro do meu velho amigo sussurrando aos meus ouvidos: “vuuuuuuuuuu!”.



O VIZINHO DO MURO

Lyelly Janny Rodrigues da Silva Santos

Na minha infância, tive o privilégio de ter um vizinho de muro que, mais do que um colega, foi meu grande companheiro de aventuras. Com ele, vivi estripulias e peripécias que, ainda hoje, atravessam a memória como pequenos filmes guardados com carinho. Ao revisitar essas lembranças, percebo o quanto fui uma criança feliz e o quanto aproveitei a inocência dessa fase tão breve. Eram dias e noites embalados por uma amizade genuína; bastavam os sorrisos e as travessuras para preencher qualquer vazio.

Entre tantas memórias, uma ressurge com especial nitidez: a velha bicicleta sem freio que lhe pertencia. Foi nela que ele me colocou, sem aviso ou cerimônia, no topo de uma ladeira de barro. Eu nunca havia subido em uma bicicleta antes, mas desci. Naquele impulso, aprendi o equilíbrio e nunca mais desaprendi.

À noite, a gente se sentava na calçada para contar estrelas, como quem partilha segredos. Por uma razão que hoje a maturidade não explica, também colocávamos areia na cabeça, apenas pelo prazer de retirá-la depois. Eram rituais de quem não precisava de muito para ser feliz; um instante compartilhado bastava.

Com o passar dos anos, nossos caminhos se desconstruíram. Hoje, não sei por onde anda aquele amigo que acompanhou os primeiros capítulos da minha história. Contudo, mesmo distante, ele permanece presente nas lembranças que insistem em ficar. Ele continua vivo exatamente ali: no pedaço de memória onde guardo os dias mais simples e bonitos que já vivi.

A VARANDA DE LALA E JUJU

Maria Eduarda Cesar Fernandes

A varanda da minha casa é um lugar meio improvisado. Não tem planta, não tem decoração. Tem cadeira de plástico empilhada, caldeirão de alumínio, bacia, um tonel de tinta e, volta e meia, fardos de refrigerante ou produtos de limpeza encostados no canto. É bagunçada mesmo, do jeito que vai ficando.

Mas basta Lala e Juju chegarem para tudo ali ganhar outro sentido. Elas olham para aquela bagunça como se fosse um monte de possibilidades. Os fardos de refrigerante e os produtos de limpeza viram filhos delas, tratados como se fossem bebês de verdade. Já as cadeiras e o caldeirão se transformam em montanhas para escalar. Juju, principalmente, adora subir em tudo.

Quando montamos o varal de chão, então, pronto: vira a casinha oficial delas. Elas se ajeitam ali embaixo, como se aquele espaço apertadinho fosse o lugar mais aconchegante do mundo.

No meio da farra, às vezes, Juju cansa. Vem para o meu colo, deita devagarinho, olha as nuvens e adormece enquanto eu canto baixinho. É um sono tão tranquilo que dá vontade de parar o tempo.

Lala sempre lembra do momento mais esperado:

— Titia, abre o portão para ver as vaquinhas passando!
E eu abro. As duas ficam olhando as vacas atravessando a rua com uma alegria tão grande que parece até festa. É simples, mas, para elas, é tudo.

A varanda continua bagunçada por fora, com tudo fora do lugar. Mas, aqui dentro, no meu coração, tudo se ajeita quando vejo as duas brincando ali.

DANDO SORTE AO AZAR

Maria Eduarda Vaz de Farias

Quando criança, minha tia tinha um sítio enorme, com gado, curral, pastagem, piscina, um galpão espaçoso, diversas árvores e plantações. Divago até hoje entre as muitas memórias daquele quintal cheio de aventuras.

Num sábado à tarde, depois do banho de mangueira e das várias reclamações de mainha por eu estar suja da cabeça aos pés, fui brincar na pastagem onde as vacas ficavam. Naquele momento, não havia nenhuma por lá — apenas eu e meu espírito aventureiro.

Andando pela pastagem, subi em um lugar que parecia estar coberto por uma areia bem fofa. Entrei naquela areia e, de repente, comecei a afundar. Quanto mais eu tentava sair, mais me enterrava. Sem conseguir me soltar, comecei a gritar por ajuda. Um desespero enorme tomou conta de mim, porque minhas pernas simplesmente não obedeciam.

Meu primo correu na minha direção e conseguiu me tirar de lá. Com medo da bronca da minha mãe e toda suja novamente, voltei para casa. Foi então que descobri a verdade sobre aquela “areia tão fofa”. Era cocô de vaca. Eu tinha me atolado em cocô de vaca. Quem dera se fosse sorte... mas, pelo visto, naquele dia, o azar é que resolveu brincar comigo.

E mainha... ih! Dava para imaginar como ela ficou!



Bianca Guedes Oliveira

Brinquedoteca



A GRAVIDADE SELETIVA E MEU PAI

Maria Vitória da Silva Oliveira

O cotidiano, para a maioria das pessoas, é uma série de repetições previsíveis: café, trabalho, trânsito e a santa televisão à noite. Para nós, no entanto, o cotidiano é regido pela “gravidade seletiva”, uma força que parece ter escolhido meu pai como seu principal alvo de testes.

Não que ele seja desastrado. Ele é, digamos, um performer de infortúnios. Houve a época das quedas sérias que, com o passar das semanas, migraram da categoria emergência médica para a seção contos de família. Lembro-me daquele misto de pânico e riso entalado na garganta: a corrida para ajudar, o alívio por nada ter quebrado e a inevitável recontagem na mesa de jantar, onde o trauma original era lapidado até virar quase um stand-up.

Mas a obra-prima da “gravidade seletiva” aconteceu na rua. Nosso pai voltava para casa num e decidiu traçar uma rota alternativa. O asfalto era um deserto, e ele, um explorador. No caminho, cruzou com um bueiro aberto. Até tentou desviar, mas caiu dentro.

A imagem, contada por quem o resgatou, era surreal: apenas a cabeça, os ombros e os braços se moviam freneticamente acima do nível da rua, como se o chão tivesse engolido metade dele em uma aposta. Ele não pedia ajuda; negociava a saída, afirmando que estava apenas inspecionando as instalações municipais.

Esta crônica, sobre a queda épica do meu pai não é sobre desespero, mas sobre resiliência. É sobre a capacidade humana de transformar o susto em afeto. Porque, no fim das contas, a piada final não é dele, nem da “gravidade seletiva”. É nossa: a família que aprendeu a conviver com um homem que, em vez de enfrentar a vida de pé, prefere inspecioná-la de ângulos incomuns. E, sempre que ele se levanta, traz mais uma história hilária para contar.

SOB A LUZ DA LUMINÁRIA

Micaele Serafim Marcolino da Silva

Há coisas que parecem acontecer apenas no dia do nosso aniversário, esse evento anual em que tantas pessoas param por um instante para nos desejar felicitações. Quando completei 21 anos, recebi algo que jamais imaginei ganhar. Surpresas simples têm um poder contagiante, sobretudo quando vêm de uma amizade extremamente significativa em nossa vida, daquelas pessoas que fazem questão de nos ver felizes e deixam marcas extraordinárias em nossa história.

Foi essa pessoa que teve a audácia de me presentear com uma luminária que parecia conter fragmentos do céu. Receber a lua em forma de luminária era como ter, enfim, um pequeno pedaço da noite dentro de casa. Na primeira vez que a acendi, o ambiente se transformou. Senti o coração saltar de felicidade e percebi que aquela luz também simbolizava amizade.

Hoje, a lua que ganhei repousa silenciosa na mesa de estudos do meu quarto. Sempre que sua luz toca as paredes e o teto, lembro-me de que alguns presentes não precisam vir do céu para serem celestes. Às vezes, basta que venham de alguém que, de um modo inexplicável, sabe exatamente como nos iluminar.

A CADEIRA QUE NÃO CABIA NÓS DOIS

Nicolle Vyviane Oliveira Santos

Lembro-me do nosso primeiro encontro, embora não tenha sido, necessariamente, um encontro marcado. Acredito que, de algum modo, precisava acontecer, quase como obra do destino.

Não me recordo ao certo do dia daquele mês de outubro (não sou boa com datas, diferentemente de você). No entanto, o dia 28 de outubro de 2021 nunca será esquecido: foi o nosso primeiro beijo.

Foram várias tentativas de entregar o meu amor a você. Vi que você tentou, de muitas formas, recebê-lo, mas não conseguimos fazer essa troca de imediato. O nosso amor foi se construindo como se constrói uma casa: por etapas.

Fortalecemos a base e atravessamos cada fase juntos, levantando paredes e derrubando outras. A cada parede derrubada, erguíamos uma nova, ainda mais forte. A nossa casa está de pé, mas longe de estar pronta. São cinco anos construindo e desconstruindo. Não é fácil, mas é o que nos sustenta.

Ah, e vale lembrar que o nosso cômodo favorito é o quarto. Não pelo quarto em si, mas pelo que há nele: a cadeira. O móvel que cabia apenas uma pessoa não tinha espaço para dois — ou, melhor dizendo, não era utilizado por dois.

Newton diria que dois corpos não ocupam, simultaneamente, o mesmo lugar no espaço. Eu não concordo com ele, e acredito que você também não. Além disso, temos uma aliada ao nosso favor: ela mesma, exatamente o que você está pensando. A cadeira é a prova de que dois corpos ocupam, sim, o mesmo espaço. Ela provou do que somos capazes. É testemunha de que o nosso amor impulsiona a nossa conexão e aflora os nossos desejos, alimentando a vontade de permanecermos juntos, ainda que exista o desconforto de construir e desconstruir algumas paredes.

A cadeira que não cabia nós dois não sabia que era possível dois corpos ocuparem o mesmo espaço. Passou a saber quando a utilizamos para demonstrar que tudo é possível quando somos dois.



Fernanda da Silva Feitosa

Brinquedoteca

TEM UM CARA NO TELHADO

Polyanna Santos de Moura

Venho de uma cidade pequena, dessas onde todo mundo se conhece pelo nome e onde o índice de assalto é tão baixo que dá até para esquecer de trancar o portão sem sentir culpa. Talvez por isso eu ainda fique temerosa na cidade grande.

Sempre tive o desejo de morar em uma casa. Daquelas com espaço, luz entrando pelas janelas e um quintal que a gente nem sabe exatamente como vai usar. O sonho era bonito... o medo, maior ainda. Mas o tempo passou, e Deus, generoso, resolveu dizer: “Chegou o tempo”. Fomos morar em uma casa gigante, perto de uma estação de metrô.

E aí eu descobri uma verdade: casa perto de metrô não precisa de relógio; basta prestar atenção nos barulhos. Só que, para mim, cada ruído parecia passos. Cada vibração, um intruso. E, quando o vento balançava as plantas, juro que eu já via a silhueta de alguém no telhado. Meu coração vivia em estado de alerta.

Até que, numa tarde qualquer, me rendi ao cansaço e cochilei no sofá. Acordei com meu marido desesperado, a voz embargada:

— Em cima da casa! Em cima da casa! Tem um cara no telhado!

Saltei como quem leva um choque. O coração veio à garganta, o ar sumiu. Corri pela casa sem saber para onde ir, imaginando o pior dos cenários. Só então parei, respirei fundo e reparei: ele estava na frente do computador, fones nos ouvidos, olhos grudados na tela, jogando Fortnite com os amigos.

Era só o jogo. O “perigo” estava apenas na minha cabeça ou, naquele momento, na dele.

E a casa continuava ali, intacta, com suas plantas dançando ao vento e seus barulhos que ainda me pregavam peças... mas que, aos poucos, foram deixando de ser ameaças para virar apenas o som da vida acontecendo.

ENTRE LINHAS E FUXICOS

Priscilla Karla Silva de Souza

Quando eu era pequena, a vida me levou para a casa da minha avó paterna, num momento em que o mundo parecia ter perdido o chão. A partida da minha mãe deixou um silêncio tão grande que nem eu sabia como preenchê-lo. Mas minha avó sabia. Ela tinha uma sabedoria antiga, dessas que não vêm dos livros, mas da vida, e me acolheu como quem segura um pássaro com as duas mãos: firme o bastante para proteger, suave o suficiente para não ferir.

A casa era simples, mas parecia maior por dentro, como se guardasse espaços invisíveis onde memórias, cheiros e vozes se deitavam para descansar. Havia um cheiro constante de café passado e de roupa limpa secando no varal. No quintal, o vento sempre sabia por onde entrar; nas janelas, a luz da tarde demorava a ir embora. Era como se o tempo ali tivesse outro ritmo: um ritmo mais lento, mais suave, mais seguro.

Todas as tardes, quase sem faltar um dia, as mulheres da casa se reuniam na varanda. Era o momento sagrado do nosso pequeno mundo. As cadeiras se alinhavam como se tivessem combinado, e cada uma chegava trazendo um punhado de retalhos coloridos, linhas enroladas e histórias guardadas. Eu adorava me sentar ali, entre uma e outra, observando aquele ritual tão simples e tão cheio de significado.

Os fuxicos começavam pequenos, redondos, tímidos. Mas logo ganhavam forma, cor e destino. E, enquanto as mãos trabalhavam, as vozes daquelas mulheres se entrelaçavam como as linhas que passavam pela agulha. Falavam de tudo: da vizinha, da chuva que parecia prometida, dos filhos que cresciam rápido demais, das dores antigas que insistiam em voltar. E, vez ou outra, riam alto, um riso bom, de quem encontra leveza no meio da vida corrida.

Minha avó era calada e, curiosamente, contava sempre as mesmas histórias. Eram relatos da juventude, de quando não havia luxo, mas sobrava esperança. Eu já conhecia os personagens, os lugares, até os diálogos. Mesmo assim, eu escutava como se fosse a primeira vez, porque não era o enredo que me prendia, mas sim a forma como ela contava. Havia carinho nas palavras, um jeito de fazer o passado parecer vivo, presente, pulsante. Era como se, ao repetir as histórias, ela estivesse dizendo que a memória também é uma forma de amor.

Quando a tarde avançava e o sol começava a perder força, as crianças da rua surgiam naturalmente. A casa da minha avó era um ponto de encontro inevitável. Tinha algo nela, talvez o quintal amplo, talvez a liberdade que ela nos dava, talvez o aconchego que escapava pelas frestas, que atraía todas as crianças como se fosse um ímã. E eu, que carregava um luto grande demais para a minha idade, encontrava naquelas brincadeiras uma forma de respirar.

Hoje, adulta, percebo que muito do que sou nasceu ali, entre retalhos, histórias repetidas e tardes que nunca mais voltaram, mas que nunca foram embora de verdade. Aprendi que a vida se sustenta nas pequenas coisas: uma cadeira na varanda, um almoço simples, um riso inesperado, uma história contada mil vezes. Aprendi que o amor mora nos detalhes e que, quando alguém nos acolhe de verdade, até o maior vazio encontra um jeito de ser remendado.

UMA SALA, UMA TV E MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR

Pedro Henrique de Oliveira Araujo

Era uma sala de uma casa simples, construída em um terreno que abrigou a história de muitos dos meus ancestrais. Costumávamos nos reunir na casa da frente, onde minha mãe levantou boa parte dos cômodos à custa de muito trabalho. Naquele tempo, não havia Wi-Fi nem celulares avançados. A diversão da família era se encontrar à noite para assistir às novelas e às séries, algo que nos fazia muito bem. É nostálgico pensar que ficávamos todos juntos, olhando para a TV. Não havia tantas preocupações como há hoje, nesse mundo acelerado e barulhento.

Era sempre assim: minha mãe, minhas duas tias e o marido de uma delas chegavam em casa, e nos reuníamos naquela sala de ares quase mágicos. Primeiro víamos a novela das seis, depois a das oito e, por fim, a das nove. Quando acabavam as novelas da Rede Globo, mudávamos para o SBT. Lá assistíamos a uma série chamada Supernatural, ou sobrenatural, em português. A série tinha um tom assustador, engraçado, emocionante e envolvente, além dos atores bonitos, que faziam minhas tias prestarem ainda mais atenção. Minha mãe tinha medo, então, às vezes, nem olhava para a tela ou se levantava para ir embora. Só ficava quando as conversas estavam tão animadas que ninguém prestava atenção nas cenas assustadoras.

Depois começou uma série na Globo chamada Tapas e Beijos. Ela passou a competir com Sobrenatural. Era muito divertido ver as desilusões amorosas de Fátima, interpretada por Fernanda Torres, e de Suely, vivida por Andrea Beltrão. Minhas tias parecem que se viam naquelas duas, e eu concordava plenamente, mesmo que elas nunca tenham trabalhado em uma loja de noivas. Acho que era pelas desilusões amorosas e pelos perrengues da vida mesmo.

O que mais me toca é lembrar daquela simplicidade e de como aquilo nos fazia tão bem. Não havia expectativas; era quase terapêutico. Era rotina.

As conversas e as sensações vêm até mim como um turbilhão de memórias. Não imaginávamos que tantas coisas aconteceriam e acabariam nos separando, cada um seguindo seu caminho. Lá ríamos, conversávamos, fofocávamos. Além das programações da televisão, assistíamos também a DVDs. Eu achava engraçado como minha tia Suênia considerava Taylor Lautner, o lobo sarado de Crepúsculo, o maior gato do mundo, enquanto minha tia Fabrícia preferia Robert Pattinson, o vampiro bonitão. Elas nunca brigavam por isso, mas ficavam trocando elogios aos seus preferidos, na esperança de convencer uma à outra de que sua opinião era a melhor.

O marido da minha tia Suênia também era muito importante para mim. Ele era, e ainda é extremamente engraçado. Mesmo que eles não estejam mais juntos, continuam se dando bem. E meus primos... como eu os amo. Aquela sala permanece na mesma casa, agora habitada por alguém que não é da família. Embora minha avó planeje vender a casa, nada poderá mudar o que vivemos ali. Está tudo muito vivo dentro de mim.

Se aquela sala pudesse contar, com meus sentimentos, o que viu da nossa família, talvez quem comprasse a casa chorasse e não tivesse coragem de derrubar parede alguma. Porque aquelas paredes guardam memórias que nenhum dinheiro pode comprar. Era ali que ríamos, fofocávamos, fazíamos planos para o final de semana, trocávamos afeto ou simplesmente assistíamos televisão, com muita harmonia.

Hoje, estamos todos espalhados por aí, cada um em seu canto. Mas aquela era a sala em que o tempo parava. Era o limbo da nossa casa. Lá esquecíamos de tudo, mas eu não esqueci de nada.



Dandara Rodrigues Almeida

Brinquedoteca

TIC-TAC...É HORA DE ACORDAR!

Raissa Bernardino Ferreira

Minha casa possui cinco cômodos, espaço suficiente para abrigar os sonhos. Cresci com dois irmãos e, quando criança, brincávamos de carrinhos, bonecas, sem espaço para julgamentos, apenas aventura e liberdade.

Visitei o tempo passado e lembrei que tínhamos, no quintal, um quartinho baixo, sem telhado, do qual nem me lembrava mais. Entre o batente, fazíamos uma gangorra com uma tábua e, nos pés de caju, balançávamos como um barco nas ondas do mar. E a preocupação era uma só: despertar junto ao sol para ir à escola, justamente na cidade na qual o sol nasce primeiro.

A casa continua com a mesma estrutura, agora com a presença dessas crianças crescidas. Os sonhos estão sendo construídos e conquistados, e a rotina é mais intensa: acorda, trabalha, estuda e dorme. Mas, à noite, a lua me faz perder o sono, me convida a apreciá-la pelas brechas do telhado e, nessa brevidade de tempo que disponho, relembro os acontecimentos do dia, em que alguns poderiam ser deixados no esquecimento, como a vergonha de atravessar o percurso do meu trabalho com as sandálias trocadas. Li que o mundo é grande para se estacionar, então fui lá e atropelei o tempo. E, na próxima pausa, me vejo a calcular como usar os 60 minutos do intervalo, para comer, descansar o almoço e dar sinal de vida para aqueles que não nos veem cotidianamente. E, então, novamente visitei o tempo: tic-tac, é hora de acordar.

Hoje, espero ansiosamente pelas 17h, não para apreciar o fim da tarde, que é uma maravilha, em que o astro-rei se encontra baixo, alaranjado — eu costumava tomar café com leite vendo escurecer —, mas para voltar para casa, pedir a bênção de mainha e painho e seguir outros caminhos que a vida adulta permite percorrer. Então, de repente, em uma dessas noites, a insônia insiste em me visitar...

A CASA POR DENTRO

Rodrigo Melo da Costa

Às vezes, me pego olhando para uma rachadura na parede da sala como quem lê uma lembrança antiga. Desde que meus avós partiram, a casa parece guardar segredos que só o silêncio revela. Eles eram meu chão: da porta sempre aberta ao cheiro de café que escapava da cozinha como um abraço antecipado. Foi ali, naquele lar simples, que aprendi que casa não é só parede; é conversa, é cuidado, é o jeito que alguém nos ensina a existir sem pressa.

Depois que eles se foram, a família tenta seguir, mas há cômodos onde a saudade ainda mora. Cada objeto parece ter ficado um pouco mais pesado, como se a ausência tivesse puxado as raízes do afeto para fora do lugar. Há dias em que o corredor ecoa passos que ninguém deu. Noutros, a janela insiste em trazer, daquela época, um vento conhecido.

Quando vi o quadro A Casa com Paredes Rachadas, de Paul Cézanne, entendi o que minhas próprias paredes tentavam me dizer. A casa do pintor, firme apesar das fissuras, parecia sussurrar que aquilo que se racha não deixa de existir; apenas mostra onde o tempo passou. É talvez seja isso que acontece com a gente: continuamos de pé, mesmo quando a saudade insiste em abrir brechas por dentro.

Hoje, percebo que carrego meus avós como quem carrega um retrato na estante, não para sofrer, mas para lembrar que fui moldado ali, entre o quintal ensolarado e o barulho da panela de pressão. A casa deles já não existe como antes, mas continua inteira em mim, feita de memórias que o tempo não derruba.

A TORRE DE BABEL DAS MARMITAS

Sabrina Ellen Paiva Maia

Somos a família Maia e vivemos um paradoxo moderno: somos próximos e, ao mesmo tempo, distantes. A geladeira, durante a semana, comprovava isso. Era uma verdadeira torre de babel das marmitas, cada uma identificada com canetas de cores diferentes, contendo um pedacinho da alma de quem a preparava.

Havia o pote azul do meu pai, sempre com um conteúdo robusto e prático: arroz, feijão e bife. Sua rotina não permitia frescuras, apenas combustível. Ao lado, ficava o pote verde-claro da minha irmã, recheado de saladas elaboradas, quinoa ou batata-doce. A jovem advogada em formação vivia sua fase fitness, em que o almoço era parte de uma disciplina rígida. O meu recipiente era o mais suspeito. Geralmente levava o resto do jantar do dia anterior, qualquer coisa que pudesse ser aquecida rapidamente entre uma aula e outra ou durante uma pausa na pesquisa noturna da universidade.

Dona Sofia, minha mãe, era a única que não levava marmita. Ela almoçava em casa, mas o ato era um malabarismo, um *pit stop* veloz entre telefonemas e correções de textos. Seu almoço era sempre uma improvisação.

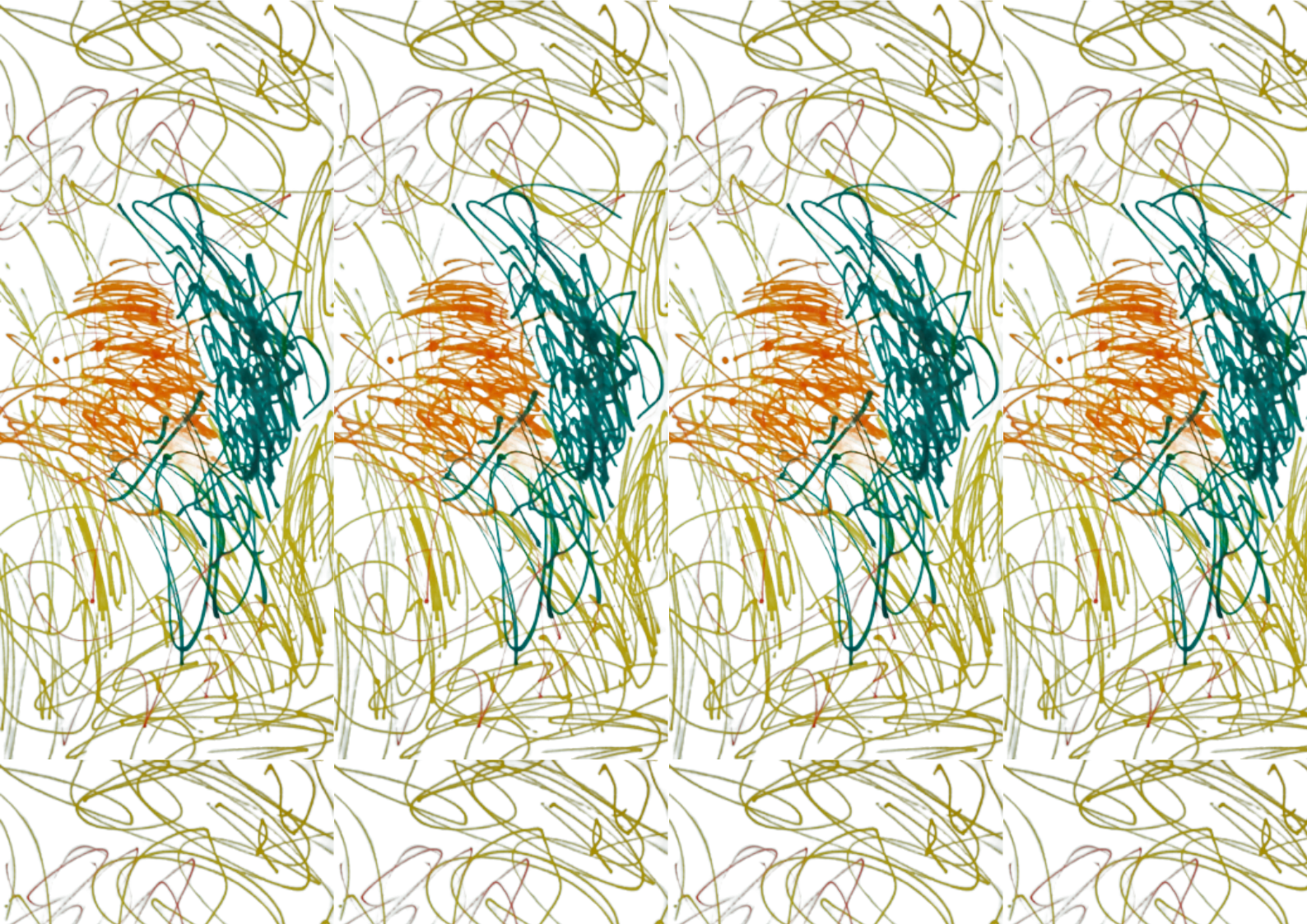
O domingo, contudo, era o apagão necessário: o dia em que todos os alarmes eram desligados e os potes plásticos eram empilhados na gaveta. A magia do almoço de domingo estava justamente na ausência de rotina. Não havia pressa. Não havia micro-ondas. Havia o som de talheres batendo em pratos de porcelana, não em potes de plástico.

Nesse domingo específico, enquanto comiam a lasanha que derretia na boca, meu pai olhou para a mesa e observou os rostos iluminados pela luz da janela. Comentou o quanto gostava daqueles almoços, por estarem juntos em família, e que aquilo era a motivação para começar mais uma semana. Todos riam e conversavam sobre a correria dos últimos dias.

Eu contava que almocei macarrão instantâneo às quatro da tarde porque esqueci a marmita. Minha irmã ria, dizendo que levou uma salada exageradamente verde, porque era o que tinha, e ainda precisava correr para uma reunião logo em seguida.

Minha mãe observava os três, o coração pulsando no ritmo calmo da conversa, até comentar algo que fez todos se orgulharem das próprias rotinas: por mais que passassem a semana comendo o que desse no momento, nos almoços de domingo, a gente comia o que merecia.

Naquele instante, a gente se sentia completa, alimentada não apenas pela comida caseira, mas pela certeza de que, apesar das diferenças de tempo e de agenda, éramos, inequivocamente, o mesmo lar.



Flávio Feitosa

Brinquedoteca



A NOITE EM QUE A PORTA NÃO ME SALVOU

Talita Gomes de Carvalho Jucá

Sempre achei que a porta servia para duas coisas: entrar e impedir que alguém visse. Mas, naquela noite, eu descobri que porta nenhuma salva a gente quando é hora de passar vergonha.

Eu estava no quarto dele, escondida, porque tínhamos voltado a ficar, mas ninguém da família dele sabia. Só minha mãe, que já tinha percebido tudo, porque a mãe sempre sabe quando a filha está se envolvendo de novo.

A família dele achava que eu nem aparecia mais por lá. E eu estava ali, trancada no quarto, me sentindo uma adolescente escondida. Foi então que tudo desandou. A campainha tocou. A tia dele o chamou. E eu ouvi a frase que eu menos queria escutar:

"Ô, fulano... a mãe da ciclana está aqui perguntando se ela está aí."

Na hora, meu coração quase parou. Ele se assustou, eu travei e a porta não serviu para nada.

Minha mãe entrou super tranquila, sentou-se, conversou com a avó dele e com a tia dele como se aquilo fosse totalmente normal. E eu? Presa no quarto, sem saber onde enfiar a cara. Não havia escapatória.

Ele olhou para mim. Eu olhei para ele.

E entendi que a minha hora tinha chegado. Abri a porta e saí com a cara mais lisa do mundo, fingindo que estava tudo bem. Passei pela sala como se tivesse ido só ao banheiro. Minha mãe me deu aquele olhar de "eu sabia".

A avó dele levantou a sobrancelha. A tia dele riu. E eu só queria virar uma planta na sala e desaparecer.

Depois, todos continuaram conversando como se nada tivesse acontecido. No fim, percebi duas coisas: primeiro, minha mãe sempre aparece na hora errada; segundo, nenhuma porta salva a gente nessas horas complicadas.

A HISTÓRIA DO SENHOR SAPO

Thaysa Ferreira da Silva

Quando eu era criança, a televisão lá de casa parecia um portal. Não desses modernos, cheios de aplicativos e notificações, mas um portal simples, que se abria quando a gente colocava um DVD na bandeja e esperava o barulhinho da máquina engolindo o disco. Foi assim que conheci A História do Senhor Sapo. Meu pai tinha me dado o DVD como quem entrega um tesouro antigo que só funciona com imaginação. E funcionava todas as vezes.

Assistíamos juntos, eu com as pernas balançando no sofá e ele rindo nos momentos em que o Senhor Sapo falava de um jeito meio atravessado. No final do DVD havia um jogo, daqueles bem simples, mas que eu achava o máximo: apertar botões para ajudar o sapo a atravessar alguma missão da qual já nem me lembro direito. O que ficou não foi o jogo, mas a alegria de dividir aquele momento com meu pai. Depois, em um desses acidentes da vida, o DVD se perdeu e o filme, com o tempo, se perdeu dentro de mim também.

Até que, já na adolescência, vagando pelo YouTube atrás de nada e de tudo, lá estava ele: o Senhor Sapo, com seu cavalo de carroça amarela, esperando por mim. Cliquei sem pensar. E, de repente, a criança que eu tinha sido abriu a janela e acenou para mim do passado.

O mais curioso, porém, não foi reencontrar o filme. Foi descobrir que, mesmo tantos anos depois, quando coloco o vídeo na televisão da sala, meu pai, o mesmo pai que dividiu o sofá e as risadas comigo lá atrás, ainda para o que está fazendo. Ele vem, se senta ao meu lado, cruza os braços e fica ali, com aquele sorriso silencioso de quem reencontra um velho amigo.

A televisão, hoje, já não é exatamente um portal. Tem streaming, wi-fi e brilho automático. Mas basta o Senhor Sapo aparecer na tela para que ela volte a ser o que era: um atalho para o tempo, uma ponte entre duas versões de nós mesmos, um lembrete de que algumas histórias não precisam ser guardadas em discos; basta guardá-las em companhia.

E, toda vez que meu pai larga tudo para assistir comigo, percebo que, no fundo, essa sempre foi a verdadeira magia do filme: unir a gente, de novo e de novo, como se o tempo fosse só mais um botão no controle remoto.

BBB: O ESPELHO QUE A GENTE EVITA — MAS NÃO CONSEGUE PARAR DE OLHAR

Patrícia Silva Rosas de Araújo

O que parecia improvável aconteceu: voltei a assistir ao Big Brother Brasil. Minha única referência era a estreia, em 2002. Naquele tempo, o país inteiro ficou meio hipnotizado ao ver desconhecidos topando o confinamento numa casa cenográfica, cercados por câmeras 24 horas por dia. A lógica segue a mesma até hoje: participantes isolados do mundo, convivendo sob pressão, enfrentando provas, formando alianças, votando uns nos outros e sendo eliminados semanalmente pelo público até que reste um vencedor levando um prêmio milionário.

Voltei agora meio sem querer. Procurava distração num ano que já começou pesado: conflitos internacionais que não cessam, clima eleitoral sempre turvo, alianças políticas difíceis de engolir e até a ansiedade pré-Copa do Mundo, com aquela sensação incômoda de não saber direito quem são nossos craques. 2026 mal começou e já parece cansado.

Nessas horas, a gente tenta escapar por algum canto. Eu, por exemplo, estava esperando a nova temporada de *Virgin River*. Veio e me decepcionou. A vida de Mel e Jack virou um acúmulo interminável de problemas. Chega uma hora em que cansa. Lembrei de Maya Angelou: “Cada pessoa merece um dia no qual nenhum problema é enfrentado, nenhuma solução é procurada.” A série parece não ter entendido isso.

Esse desvio todo talvez soe como justificativa. E é mesmo, um pouco. Porque, convenhamos, uma professora universitária tem uma lista infinita de tarefas: aulas, orientações, projetos, reuniões, bancas. Onde entra o BBB nisso tudo?

Entrei sem compromisso, como quem abre a janela só para ver o tempo. Mas o que encontrei não foi exatamente descanso.

A premissa é simples e cruel: coloque pessoas diferentes, algumas com histórias mal resolvidas entre si, dentro da mesma casa, sob vigilância constante e com um prêmio que pode ultrapassar os cinco milhões de reais. Pronto. Está montado o experimento social mais popular do país. E, como em todo experimento, o que aparece ali diz mais sobre nós do que gostaríamos de admitir.

Dessa edição, duas coisas têm me chamado atenção.

A primeira: casa nenhuma é neutra. Toda casa é um campo de disputa, com ou sem prêmio milionário. Convivência é negociação o tempo todo. Há sempre quem queira ordem, rotina, controle. E há quem viva melhor no improviso, tomando café na primeira caneca que aparecer, ou até num copo de extrato de tomate. Dentro de quatro paredes, essas diferenças não desaparecem, elas se amplificam. A casa vira uma panela de pressão. A gente regula o fogo como pode, mas qualquer descuido faz a válvula chiar.

A segunda: somos, em grande medida, cegos para nós mesmos. Não temos muita noção do peso das nossas palavras, dos nossos silêncios, dos nossos gestos. No confinamento, isso se intensifica.

A falsa sensação de intimidade embaralha tudo. Quando os participantes saem e assistem ao que fizeram lá dentro, o espanto é quase sempre o mesmo. “Eu não sou assim.” “Ali dentro é diferente.” “Era o jogo.” É difícil sustentar a própria imagem quando ela volta editada, repetida, ampliada na tela.

Confesso que um dos momentos que mais me interessam é justamente a eliminação. Quando o participante deixa a casa e encara o mundo de novo, não tem como não lembrar do Mito da Caverna de Platão. Lá dentro, tudo parece fazer sentido. Aqui fora, a luz incomoda. Ver-se de fora exige um tipo de coragem que nem todo mundo tem.

No fim, fico com uma dúvida que não é simples: o que realmente molda o comportamento de quem está ali? É o dinheiro em jogo, capaz de justificar quase qualquer estratégia? Ou é a vigilância constante, esse olho que nunca pisca e que, paradoxalmente, parece distorcer mais do que revelar?

Talvez o desconforto venha justamente daí. O BBB não é só entretenimento. É um espelho meio cruel. E nem todo mundo gosta do que vê quando a luz acende e escuta a frase: “Quem sai hoje, é você”!



Casa não é só parede; é conversa, é cuidado, é o jeito
que alguém nos ensina a existir sem pressa.



A Casa com Paredes Rachadas, Paul Cézanne, entre 1892 e 1894.

